



**ESPELHO, ESPELHO MEU, TENHO CABELO RUIM?
ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA INFANTIL
EM MATO GROSSO**

Gilmara Matos Centeno¹

Marinei Almeida²

Epaminondas de Matos Magalhães³

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo levantar questões raciais, em específico, a representação do negro na literatura infantil mato-grossense, tendo como recorte os aspectos identitários dos negros, tomando como foco o cabelo crespo, considerado ícone da cultura negra, assim como a cor da pele, características essas que são menosprezadas, a partir da construção ideológica de o negro ser visto como um ser inferior. A obra, corpus da discussão, é *Cabelo Ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar* (2007), da autora mato-grossense Neuza Baptista Pinto, que enfatiza a aproximação de uma nova formulação de conceito de estética, tentando desmistificar os estereótipos adquiridos pela sociedade em que se associam o negro e suas características, como ruins, presentes no discurso histórico da cultura negra como inferior.

PALAVRAS CHAVE: Negro. Fenótipos. Cabelo Crespo. Literatura.

**MIRROR, MIRROR, I HAVE BAD HAIR?
THE BLACK REPRESENTATION ANALYSIS IN CHILDREN'S
LITERATURE IN MATO GROSSO**

ABSTRACT: This article aims to raise racial issues in specific representation of blacks in Mato Grosso children's literature, with the cut out the identity aspects of black, taking focus curly

¹ Graduada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Email: gilmara@hotmail.com

² Doutora em Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP) – Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. E-mail: belelei@gmail.com

³ Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) – Professor do Instituto Federal de Mato Grosso. E-mail: epa.magalhaes@hotmail.com



hair, considered icon of black culture, as well as color skin, dark features that are overlooked, from the ideological construction of the black be seen as an inferior being and with it their phenotypes. The work corpus of our discussion is *Hair Bad? The story of three girls learning to accept* (2007) of Mato Grosso author Neuza Baptista Pinto, which emphasizes an approach of a new aesthetic concept formulation, trying to demystify the stereotypes acquired by the society in which associate the black and its characteristics as bad, it turned to the historical discourse of black culture as inferior.

KEYWORDS: Black. Bad. Phenotypes. Crespo. Literature.

O surgimento da literatura infantil, como gênero, deu-se na metade do século XVIII, a partir da literatura oral, tendo como princípio da escrita para crianças o classicismo francês, que apareceu no século XVII, com as fábulas de La Fontaine, por volta de 1668 e 1694, as aventuras de Telêmaco, de Fénelon, em 1717, e os *Contos de Mamãe Gansa*, de Charles Perrault, em 1697, que tinham como base passar histórias de fundo moral.

A literatura infantil começou a encorpar-se, a partir do crescimento econômico e social da Inglaterra, que vivia um êxodo rural e possuía uma burguesia rica, sendo uma das pioneiras a participar das mudanças provocadas pela Revolução industrial. A revolução foi uma transformação para o século XVIII, a queda da economia gerada pela mão de obra artesanal, passando para a força das máquinas, com o que surgia uma nova economia. O fluxo de imigrantes era evidente nesse período, as máquinas seriam uma forma mais rápida para obter recurso e isso impulsionou uma grande massa de camponeses a buscarem condições melhores nas cidades, mas com o aumento populacional da zona urbana, a mão de obra ficou barata e a exploração se tornou algo banal.

Com o crescimento da população, a burguesia passou a integrar uma nova classe social, uma vez que o poder financeiro fez com que obtivesse riquezas que serviriam para financiar as indústrias e o desenvolvimento do país. No entanto, a exploração se incumbiu de ajudar a enriquecer essa nova classe social, fazendo com que os camponeses trabalhassem em condições precárias, e jornada de trabalho alta. Foram incluídas as mulheres e as crianças para o trabalho nas fábricas, com baixos salários e nenhuma condição que beneficiasse as famílias.

É de extrema importância citarmos a *História Social da Criança e da Família*(1978), de Philippe Ariés, que expõe o lugar que a criança ocupava na sociedade. Ainda temos como



ponto de partida a formação da infância traçada a partir da Idade Média, que nos ajudará a entender a concepção de infância do século XII a XX, período em que a sociedade foi criando concepções e modelos.

Desde a antiguidade, mulheres e crianças eram consideradas seres inferiores que não mereciam nenhum tipo de tratamento diferenciado, sendo, inclusive a duração da infância reduzida. Por volta do século XII, era provável que não houvesse lugar para a infância, uma vez que a arte medieval a desconhecia (ARIÉS, 1978).

A literatura infantil se inicia efetivamente no Brasil, no século XX, mas, anteriormente, no século XIX, tivemos alguns vestígios de literatura para crianças, mas nada que ganhasse um grande espaço. Com o surgimento da Imprensa Régia, as editoras começaram a publicar as traduções de literatura para esse público. As mudanças políticas do novo governo afloraram o campo da literatura, o país estava caminhando para a República e os vestígios da modernidade já eram visíveis, sendo a libertação dos escravos um dos grandes marcos desse período.

A Literatura Infantil no Brasil se fortificou com as publicações dos *Contos Infantis*, em 1886, de Júlia Lopes de Almeida, constando de adaptações de obras europeias. As adaptações e traduções não visavam somente os contos de fadas; envolviam bem mais projetos educativos e pedagógicos desenvolvidos na Europa e adaptados para a literatura brasileira, o que tinha como finalidade fortalecer a nação, o patriotismo e o civismo.

O Brasil República, tomando como mote o civismo e o patriotismo, fez com que o governo investisse na produção que falasse da nação brasileira. Os autores, Olavo Bilac e Manuel Bonfim, em 1910, adaptam a obra francesa para o Brasil, com conteúdo didático, intitulada “Através do Brasil”, tendo um forte teor pedagógico. A obra relata a trajetória de dois irmãos de 10 e 15 anos, em busca do pai doente, que é dado como morto e eles continuam prosseguindo ao encontro de alguns parentes; iniciam a aventura, desbravando o Brasil por inteiro, de norte a sul, conhecendo todas as peculiaridades de cada canto do país: o clima, as paisagens, a economia e a cultura.

Observamos que a obra *Através do Brasil* é carregada de caráter didático, pois é possível conhecer as belezas e as características de cada estado, no decorrer da narrativa. A obra mostra os personagens infantis heróis que conhecem a exuberância do seu país, enfim, essa obra encaminhada para a escola tinha a função de instruir os alunos a conhecer a geografia e a história de cada estado, sem sair do seu próprio ambiente.



Outra produção de Olavo Bilac, em que podemos observar o conteúdo pedagógico, é “A casa”, poema escrito em 1949, de conteúdo didático, moralizante que propõe o que a criança deve fazer e a encaminha para uma vida de regras a serem seguidas.

A casa

O filho implume, no calor do ninho!...
Vê como as aves tem, debaixo d’asa,

Deves amar, criança, a tua casa!
Ama o calor do maternal carinho!

Dentro da casa em que nasceste és tudo...

Como tudo é feliz, no fim do dia,
Quando voltas das aulas e do estudo”
Volta, quando tu voltas, a alegria!

Aqui deves entrar como templo,

Com a alma pura, e o coração sem susto:
Aqui recebes da Virtude o exemplo,
Aqui aprendes a ser meigo e justo.

Ama esta casa!
Pede a Deus que guarde,
Pede a Deus que proteja eternamente!
Porque talvez, em lágrimas, mais tarde,
Te vejas, triste, desta casa ausente...

E, já homem, já velho e fatigado,
Te lembras da casa que perdeste,
E hás de chorar, lembrando o teu nasceste!
Olavo Bilac

A casa é um poema escrito por um eu-lírico adulto, é um poema que está calcado na concepção da prática pedagógica e moralizante, no qual o interesse é voltado para o didatismo da criança, mas essas produções não são consideradas interessantes para o letramento de crianças. A autora Maria Antonieta Cunha (1988) discute que, em obras com teor, apenas didático, há a traição do leitor-criança visto que as obras escritas para o público infantil são escritas por adultos, todavia esse não é o problema; o que causa essa concepção de traição é a escrita do adulto, representando a criança, embora saibamos que o consumo desses textos e obras é voltado para o público mirim, porém as discussões desenvolvidas são de interesse dos adultos.



Muitas obras para criança e ditas de literatura infantil não se desprendem de uma peculiaridade do discurso pedagógico: a redução da criança, notadamente pela facilitação artística (puerilidade) e pelo tom moralizador. Nesse caso, temos uma pretensa literatura infantil, exatamente como, dentro da produção artística para adultos, existem lamentáveis equívocos: há mais romances, maus poemas, maus contos. E ninguém invalida a literatura. (CUNHA, 1988, p.22)

Assim, a autora mostra que a traição do leitor é posta em veracidade, quando o autor deixa de olhar para o lado artístico-literário que envolve a escrita da literatura infantil, tendo como função alcançar unicamente o objetivo do adulto, que deseja que a criança, a partir da literatura infantil, absorva conteúdo que ele julga correto. Então, se questiona qual a natureza específica da literatura infantil, sendo que podemos verificar que há duas tendências: uma para fins pedagógicos, outra para a arte, que, segundo Nelly Coelho:

Felizmente para equilibrar a balança, há já uma produção infantil e juvenil de muito bom nível que conseguiu, com rara felicidade, equacionar os dois termos do problema: literatura para divertir, dar prazer, emocionar... e que, ao mesmo tempo ensina novos modos de ver o mundo, de viver, pensar, reagir, criar...E principalmente se mostra que é pela invenção da linguagem que essa intencionalidade básica é atingida (COELHO, 2000, p, 20).

Ainda, segundo Cunha (1988), é preciso que o adulto mediador tome consciência de que a literatura tem essas duas tendências e que o equilíbrio delas resultará em uma formação completa para a criança.

Olavo Bilac atende aos fins do governo; ele era encarregado de escrever mostrando o civismo, o patriotismo e a beleza do Brasil. Entretanto esses conteúdos moralistas não eram bem-aceitos; a imposição e a forma autoritária são renegadas pelo mundo infantil. Ainda, se a leitura tinha função exclusiva para fins pedagógicos, a escrita era culta, de maneira que não encantava o público infantil.

O poema não abre possibilidade para criação de outro mundo, tudo já está pronto, formado, conforme os preceitos e valores do mundo adulto. “Deve amar, criança, a tua casa”; esse trecho mostra a imposição que é feita à criança; é dada uma ordem para ela amar a casa, a ordem advém com uma punição, conforme observamos. Nas três primeiras estrofes, o eu-lírico relata que a casa deve ser amada, e que o ambiente vivenciado na casa é de plena felicidade; ele enfatiza as virtudes da casa, que devem servir como um espelho para a criança; deve refletir as coisas boas que ela oferece. A casa é um espaço dito pelo autor como sagrado “Aqui debes



entrar como templo” /Com a alma pura, e o coração sem susto”; então, quem habita na casa deve ter essa santidade, ou tentar encontrar a pureza e a santidade que ambientam a casa e quem pertencer a ela também deve seguir seus passos

Já no início do século XX, a urbanização fez emergir a população rural para as cidades, com as transformações que estavam ocorrendo. O consumo literário foi aumentando, e, a partir do século XX, a literatura infantil foi tomando espaço com a influência da escola, que mantinha uma força política e ideológica do novo governo; os livros para crianças e materiais escolares foram aparecendo, diferentes da literatura brasileira que tinha a necessidade de se mostrar como país, elevando a beleza do Brasil. A literatura infantil iniciou seus trabalhos por meio das traduções de obras advindas dos países europeus. Portugal fazia o trâmite das primeiras traduções que vinham, não sendo muito agradáveis, mas o espaço para a criação de produções de literatura infantil veio com força no século XX. Podemos afirmar que, em 1921, a literatura infantil ganha grande repercussão com as obras de Monteiro Lobato.

A primeira obra publicada, *Narizinho arrebitado*, tornou-se um sucesso e foi adotada nas escolas públicas do Estado de São Paulo. Lobato investiu na literatura infantil; de autor passou a empresário, fundou duas editoras Monteiro Lobato e Cia e, logo depois, Companhia Editora Nacional Brasileira; com suas próprias editoras publicou seus livros, em meio ao desenvolvimento e modernização do país.

Lobato publicou mais algumas obras “As aventuras dos netos de Dona Benta e os Doze trabalhos de Hércules”, antes da sua partida para a Argentina; a literatura infantil continuou firme com outros autores que se propuseram a escrever para crianças e ajudaram na modificação da literatura infantil.

Mas, o estopim da Literatura Infantil se deu na década de 60, com o surgimento de instituições voltados para a leitura e conhecimento de obras infantis. As fundações que colaboraram com o crescimento da Literatura para crianças foram: a Fundação do Livro Escolar (1966), a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil(1968), o Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil(1973), as várias associações de professores de Língua e Literatura e a Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, criada em São Paulo em 1979.

Por volta de 1970, com o surgimento das instituições e fundações que passariam a fomentar a Literatura Infantil, o Estado absorveu a necessidade cultural de investir na produção de Livros e Materiais oferecidos para o público infantil, pois foi esse o movimento que levou à produção do Livro para as crianças, agora, com um novo elemento. As produções estavam em



alta, o mercado livresco investia na estética do livro, com uma escrita que atraía o público-alvo, a dedicação a essas produções cresceu e autores renomados, como Cecília Meireles, Mário Quintana, Vinícius de Moraes e Clarice Lispector apoiavam o gênero.

LITERATURA INFANTIL EM MATO GROSSO

Com o percurso que realizamos acerca da Literatura Infantil, no Brasil, observamos como o espaço para esse gênero foi se expandindo, com o passar dos anos; questões como o contexto social, a política e a economia foram fatores que auxiliaram na construção do espaço literário brasileiro, contudo, o que move a história e a cultura de cada país é a memória que se tem e como se deu origem à formação histórica e cultural para, assim, prosseguirmos, buscarmos outra história e cultura, para observarmos o que há de diferente ou de semelhante.

O trajeto agora será feito para conhecermos o surgimento da Literatura Infantil em Mato Grosso, tendo, como referência, Renata Beatriz B. Rolon e Angela T. Fontana de Souza que enfatizam, em suas dissertações, que falar da Literatura Infantil Mato-Grossense não é tarefa fácil pelas poucas pesquisas que se tem sobre essa produção.

Segundo Antônio Cândido, as produções se constituem dentro de um tripé: autor, obra e público, pois, primeiro, é necessário alguém para escrever: o criador; segundo, o que escrever envolve temas, assuntos, tendo como mote um período histórico e que finalidade tem a produção da obra que deseja ser escrita; em terceiro, a quem se destina essa obra. Sabemos que o autor não escreve a obra para si; ele deseja que essa obra chegue a um público e que sua produção tenha uma significação.

Portanto, a produção literária está entrelaçada nesses três elementos; assim percebemos que as produções regionais estão de acordo com o que se espera autor, obra e público; delimita a fronteira literária essa necessidade de expor e mostrar a cultura da cor local; essa busca pelo que é regional se estende desde as obras de Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Euclides da Cunha, que abordam o sertão e a luta do homem para sobreviver em seu meio.

Segundo Hilda Gomes Magalhães, as primeiras manifestações de literatura estariam presentes nas peças teatrais, nas escolas, para o público infantil e juvenil; as peças seguiam com caráter moralizante e didático dirigidos pela igreja, contudo, não se tem nenhum registro dessas peças.



Nas pesquisas não se encontram registros de obras impressas na década de 70; os registros de peças teatrais ocorreram somente em 1980, o que nos leva à possibilidade de as primeiras manifestações literárias em Mato Grosso advirem do teatro, assim afirma a professora Catarina Sant’Ana, no ensaio” Mitocrítica e Mitanálise: elementos para o estudo do imaginário dos textos teatrais mato-grossenses para crianças e jovens -1980-1992”. Segundo o que diz a autora, as peças teatrais, da década de 80 em diante, são amadurecidas, demonstrando serem de décadas mais antigas. Porém, não é possível afirmar com segurança se o teatro foi a primeira manifestação de literatura infantil e juvenil, em Mato Grosso, por não haver nenhum registro de peças.

Já, com segurança, a primeira obra infantil impressa no Estado foi em maio de 1987, apoiada pela UFMT, SESC e a Editora Entrelinhas, da escritora Maria das Graças Campos, intitulada *As Meninas e o Sabiá*, abrindo o espaço para a literatura infantil e juvenil no Estado.

Demarcando o espaço da literatura infantil e juvenil mato-grossense, a obra dá destaque à preservação da natureza, assunto de destaque no contexto histórico do estado, levantando a questão ecológica que enfatizava o problema vivenciado, a luta pela criação do Parque Nacional de Chapada dos Guimarães e a derrubada da centenária igreja matriz de Poconé pelos garimpeiros, influenciados pela lenda de haver ouro debaixo do alicerce da igreja. A obra *As meninas e o sabiá*, teve grande impacto e foi lançada pela autora no dia nacional do meio ambiente, debaixo de uma árvore, na Praça da República, na capital do estado, ganhando repercussão, sendo assunto em todos os jornais mato-grossenses.

Essa tendência de escrita, priorizando o meio ambiente, foi seguida por diversos autores; em 1989, Fernando Antônio de Almeida publicou em Rondonópolis o livro “O dia em que o Caçador virou Caça”, com teor ecológico, defendendo o Pantanal.

Em 1990, Aclyse Matos, autor mato-grossense, publica pela editora Vozes, no Rio de Janeiro, o livro “O Natal Tropical”, uma obra diferente e cativante, descontraída, lúdica, que interage do início ao fim com o leitor. Aclyse Matos inova, uma vez que não segue nenhuma tendência e, sim, criando uma própria.

É importante destacar as obras de Antônio de Pádua e Silva, em 1991, que escreveu a primeira coleção de livros juvenis da nossa literatura. Essa coleção é repleta de mistério e ação, obra que encanta os jovens.

E assim vai se estendendo o rol das produções infantis e juvenis no estado; com o surgimento de autores interessados em escrever, os temas vão se tornando diversos. Nossos



registros trazem, além de livros, revistas em quadrinhos, como a Revista Cuiabana em Quadrinhos Gonçalves (1992) e a revista Nico & Lau (?).

ESPELHO, ESPELHO MEU, TENHO CABELO RUIM? A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA OBRA CABELO RUIM

Neuza Baptista Pinto, autora da obra “Cabelo Ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar”, corpus desta pesquisa, é jornalista, formada pela Universidade Federal do Mato Grosso, natural de Lençóis Paulista (SP) e residente em Cuiabá há 20 anos. A obra “Cabelo Ruim”, é integrada a um projeto intitulado Pixaim: Nem bom, nem ruim - apenas diferente, que tem o objetivo de valorizar a autoestima de quem tem cabelo crespo. Lançada em 2007, a obra traz o propósito de trabalhar a negritude brasileira e seus preconceitos, de maneira que possibilite às crianças e adolescentes compreenderem como funciona a discriminação em um país em que a miscigenação é característica principal dos habitantes.

A lei 10.639/03 trouxe para os currículos escolares a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, avançando como uma forma de combate aos preconceitos sofridos pelos negros no Brasil, uma tentativa de minimizar e trazer para dentro da sociedade a cultura negra e seus feitos, que foram calados por anos, resgatar as lutas e as contribuições da negritude no Brasil. Pensando assim, as diretrizes nacionais atribuíram às disciplinas de Educação Artística, Literatura, História do Brasil a função de transmitir a cultura negra, mostrando os benefícios e a importância que os afrodescendentes tiveram no Brasil.

Quatro anos após a publicação da lei 10.639/03, surge a obra *Cabelo Ruim*, cuja autora objetiva tentar explorar o diferente, o que para alguns membros da sociedade é considerado estranho, como o cabelo crespo, que, para muitos é feio; para a raça negra é uma forma de se afirmar e demonstrar que a negritude sobrevive em meio ao padrão de beleza instaurado pela sociedade, na maioria das vezes, branca. Com isso, Neuza Pinto utiliza de três personagens: Bia, Tatá e Ritinha, que são meninas negras de cabelo crespo e que se tornam amigas e iniciam uma aventura baseada em aprender a aceitar seus traços de negritude, focalizados no cabelo crespo. O preconceito que as garotas enfrentam e a forma como elas lidam com as manifestações racistas são as principais características da obra.



As aventuras vividas por essas três meninas são de extrema importância para mostrar que não existe somente uma forma e estilo de ser e que o diferente é normal. É fundamental ensinar para as crianças que aceitar as diferenças é demonstrar amor próprio.

Pelos movimentos negros e militância no combate ao racismo, é possível observar uma mudança que caminha com passos lentos, mas que não para. Uma nova ascensão de beleza caminha dentro da sociedade atual. As várias formas de defesa que ajudam a enfrentar o racismo estão crescendo, porém as tentativas de repressão e anulação da cultura negra são de tempos remotos, desde o período colonial, permanecendo nos dias atuais; antes, sem nenhum pudor; a escravidão é um exemplo de como o racismo foi cruel. Hoje, temos um racismo que a mídia nos passa, mais aveludado, de maneira mais camuflada, mas ainda com os mesmos resquícios de coação contra o povo negro. O fato de as violências físicas serem escondidas fazem com que algumas pessoas pensem que o racismo é passado, porém os atos preconceituosos permanecem.

Na pesquisa de doutorado de Nilma Lino Gomes, “Corpo e cabelo como símbolo da identidade negra”, observamos a importância para a contribuição da identidade negra nos registros de salões que discutem temas que ressaltam a beleza negra e colocam em evidência o cabelo crespo. Sua pesquisa é realizada nos salões étnico-raciais no Estado de Minas Gerais, com o propósito de mostrar a dupla cabelo e corpo.

Os salões étnicos são, portanto, espaços privilegiados para pensar várias questões que envolvem a vida dos negros, dos mestiços e dos brancos. São espaços corpóreos, estéticos e identitários e, por isso, nos ajudam a refletir um pouco mais sobre a complexidade e os conflitos da identidade negra. Nos salões o cabelo crespo, visto socialmente como o estigma da vergonha, é transformado em símbolo de orgulho. (2012, p. 20)

Esse trecho enfatiza o trabalho dos salões étnico-raciais que buscam valorizar a beleza negra, tornando a identidade negra como construção social, presente na formação da cultura brasileira. Dessa forma, o negro passa a ter o espaço que evidencia sua beleza, algo que antes não seria possível pelo padrão europeu, mas as portas para a beleza negra se abrem, os salões se tornam ambientes de manifestações, tendo como foco a estética negra que, anteriormente, era mencionada negativamente. Outro espaço aberto para discursos sobre a beleza negra que está ganhando espaço são as páginas sociais que abordam discussões de cunho estético, em que o foco está na beleza negra do cabelo, na cor da pele e nas características físicas; também aí se discutem assuntos dos povos negros do passado. Essas páginas ajudam as meninas a aceitarem



seu cabelo crespo e ensinam como devem tratá-lo, afastando o discurso de que o cabelo crespo é ruim, feio e adentrando cada vez mais no campo das diferenças raciais como algo normal.

Na apresentação da obra “Cabelo Ruim? A história de Três meninas aprendendo a se aceitar” os termos “pixaim”, “bombril” são expressões usadas para chamar a atenção do leitor; assim, o impacto de falar do cabelo crespo, usando termos, que, na maioria das vezes, são de cunho ofensivo, leva a admitir que falar de cabelo crespo e de sua beleza não é fácil, principalmente, se o público ouvinte for formado por crianças, tendo em mente que o discurso que circula na mídia está voltado para o consumo de produtos que evidenciam a beleza do cabelo liso, exaltando a textura e a praticidade que se tem em ter um cabelo liso.

Os padrões de beleza circulam em torno de uma boa aparência, que é construída dentro de um padrão europeu; as discriminações surgem com o cabelo e a cor da pele; mais adiante, com o passar dos anos, observa-se que esse padrão está mais voltado para o cabelo, sendo ele passível de mudança. Assim se inicia a labuta das mulheres negras em seguir o padrão de beleza em que prevalece a mulher branca e de cabelo liso, forma para uma aceitação na sociedade, no mercado de trabalho e nos relacionamentos. O alisar dos cabelos é uma maneira de ter uma porcentagem de aceitação, vez que o cabelo crespo é visto como duro, ruim, pixaim, fedido, arame e outros apelidos dados ao crespo.

A atenção dada às palavras “Pixaim” e “Bombril” mostra o início de uma história com a qual muitas meninas se identificarão, ao ler o livro, palavras que normalmente são usadas para se referirem ao cabelo delas, palavras essas que são ouvidas com dor e sofrimento. A relação cabelo crespo x menina é algo que não pode passar sem falar; as meninas que possuem cabelo crespo irão se identificar, pois a luta contra o cabelo começa bem cedo; os penteados feitos pelas mães para o cabelo não ficar armado, as horas para desembaraçar o cabelo são momentos que todas as crespas conhecem. Outro ponto é a entrada na escola, o convívio com outras crianças de diferentes características, que chamam a atenção dos colegas; os negros e ruivos acabam recebendo apelidos maldosos.

Quem sofre com essa pressão de ter um cabelo estigmatizado como estranho são as mulheres, sempre à procura de se manterem bonitas e serem admiradas, elas são as principais vítimas de preconceitos e piadas que envolvem o cabelo; a repetição de que o cabelo crespo é feio, reproduzido historicamente se infiltra na vida das personagens de Cabelo Ruim e esse será



o objetivo: mostrar como Bia, Tatá e Ritinha encaram essa realidade de serem negras de cabelo pixaim. No poema de Luiz Silva (Cuti), podemos ver essa questão problematizada:

Ferro
Primeiro o ferro marca a violência nas costas
Depois o ferro alias a vergonha nos cabelos

Na verdade o que se precisa
é jogar o ferro fora
e quebrar todos os elos
dessa corrente de desesperos.

A marca do racismo se estende por anos, o sofrimento de um povo escravizado visto como inferior tem em suas expressões físicas a marca eterna do sofrimento; a cor da pele e o cabelo estarão para sempre mostrando suas cicatrizes. O ferro servia para identificar a que tribo pertencia e quem era o dono; carregava a marca do ferro nas costas como um sinal de submissão, o ferro quente invadia o corpo negro; a cada mudança de proprietário o negro era um objeto; o ferro representa uma identidade de repressão que a sociedade fazia questão de expor.

A dor do ferro foi a primeira marca, algo que não tinha como evitar, mas adiante veio o ferro como forma de apagar os traços do cabelo crespo, a dor de ser renegado por gerações fazia com que o negro sentisse vergonha da identidade exposta nos cabelos. O ferro que antes marcou os negros como submissos aos senhores, hoje marca os cabelos. A tentativa de ser igual ou simplesmente tratado como humano faz com que o negro acredite que o problema está no cabelo crespo, modificando, assim, seus cabelos, para se sentir incluído na sociedade.

O narrador presente na obra é onisciente, narra a aventura das meninas, tendo a liberdade para penetrar na história do personagem, ao apontar: “conhecendo as meninas”, o narrador relata que as três garotas estudam na mesma escola, na mesma sala e são amigas inseparáveis e como essa amizade se iniciou, mas o interessante é o paralelo que encontramos entre a ilustração e a descrição das meninas. Inicia-se por Bia, que tem a pele cor de canela, é gordinha, vaidosa, usa vestido colorido e é toda enfeitada de acessórios, pulseiras e brincos coloridos, e sempre leva para a escola balas e goma. Bia é caprichosa, toda arrumadinha e cheirosa, faz as tarefas com todo cuidado e dedicação. O cabelo crespo e a pele negra são características semelhantes entre elas, mas o que une essas garotas é o fato de elas sofrerem o mesmo preconceito; uma conhece o sentimento da outra; quando uma delas é excluída pelo cabelo crespo, remete as outras a um *flahsback*.



Bia é a típica menina “patricinha”, expressão informal usada para designar uma menina que gosta de andar sempre vaidosa e bem feminina, não dispensando as cores e os acessórios que a deixam mais feminina. Vejamos a descrição da próxima menina, Tatá:

Tatá é magrela, tem a pele escura e é alta. Dá pra ver que Tatá é um apelido, né? O nome dela de verdade mesmo é Natália. Ela nem parece que só tem sete anos de alta que é. Dizem que parece uma modelo. Usa sandália de dedo, é quietinha e ri muito. Vai pro colégio de uniforme mesmo, diz que nem liga, que só se arruma para ir ao, shopping”. É a mais inteligente da turma, sabe ler texto grande assim, e acerta todas aquelas continhas de subtração, divisão, soma e multiplicação. Tem uma família enorme, um monte de tios, tias, primos, cunhados e sogras. Cada dia é um que vai buscar ela na escola (PINTO, 2012, p. 10).

Pela descrição da menina, o estilo com que a autora define Tatá podemos interpretar sendo uma menina calma, que não se preocupa tanto com a aparência, simples no modo de vestir, de poucas palavras, mas que sorri de tudo; garota inteligente com características de *nerd*, gíria utilizada para designar pessoas que se comunicam pouco e são sempre focadas em assuntos específicos (estudos). Por fim, a última garota é descrita:

A Ritinha não sei a cor dela. Tem gente que diz que ela é branca, outros falam que é negra, mulata. Só sei que a pele dela é muito bonita mesmo, sem manchas nem nada. E é de uma cor assim. Meio a meio, sabe? É isso aí. Ela tem os dentes braaaaaancos assim e gosta de usar óculos o tempo todo. Diz que foi o doutor que mandou. Não é gorda nem magra e anda muito de tênis e calça azul. É a única da sala que já usa batom e diz que tem até tatuagem, mas nunca viu. Ela gosta de bater em todo mundo, principalmente nos meninos que riem dela. Só senta no fundo e é a única da sala que volta para sozinha. (PINTO, 2012, p.10).

Ritinha é um estilo de menina despojada, usa roupas descontraídas, tem um jeito independente, usa batom e diz que tem até tatuagem, não é como as outras meninas que os pais buscam na escola. Na descrição da autora podemos observar a independência adquirida por essa criança, que busca resolver os problemas sozinha, mesmo que para isso precise usar a violência, como forma de defesa, uma forma imediata de resolver os problemas; o ataque como uma demonstração de força.

Uma das características que definem a figura do negro é a cor da pele, que, para muitos, é umas de suas marcas mais fortes, as ditas paletas de cores que possuem os negros; é algo que incomoda, pois se a cor da pele for mais clara (morena) a pessoa não é considerada negra; os



embates de que fator define o que é ser negro é algo forte. No caso da menina Ritinha: “A Ritinha, não sei a cor dela. Tem gente que diz que ela é branca, outros falam que é negra, mulata. Só sei que a pele dela é muito bonita mesmo, sem manchas nem nada. E é de uma cor assim meio a meio, sabe?...” Cabe discutirmos a teoria do embranquecimento para pensarmos a cor indefinida da menina Ritinha (PINTO,2012, p.10). A miscigenação com a imigração de europeus trouxe para alguns estudiosos uma forma de pensar em um embranquecimento racial, trazendo a diminuição dos preconceitos. Para Martius:

Qualquer que se encarregar de escrever a História do Brasil, país que tanto promete, jamais deverá perder de vista quais os elementos que aí concorrerão para o desenvolvimento do homem. São porém estes elementos de natureza muito diversa, tendo para a formação do homem convergido de um modo particular três raças, a saber: a de cor cobre ou americana, a branca ou caucasiana, e enfim a preta ou etiópica. Do encontro, da mescla das relações mútuas e mudanças dessas três raças, formou-se a atual população, cuja história por isso mesmo tem um cunho muito particular (MARTIUS, 1982, p. 87).

Estava emergindo uma nova História do Brasil, não mais formada só de brancos e negros, mas de mestiços; havia a necessidade de incluir essa nova configuração de sociedade, isso tudo em busca de uma raça superior, no século XX; o branqueamento tinha uma boa aceitação, isso porque se entendia que esse embranquecimento seria a forma de obter uma sociedade que não teria a cor como distinção, conforme a teoria de Von Martius para a nova escrita da história do Brasil. Porém, o que chama a atenção é observar como a questão racial está incluída nessa história; a junção de povos europeus e negros seria uma forma de embranquecer o Brasil, a miscigenação era a solução. Essa teoria admite uma raça superior e uma inferior; a união das distintas etnias teria como evidência o europeu, menosprezando o povo negro. Nossa personagem Ritinha não tem uma cor definida, suas outras colegas são classificadas como negras pela cor da pele, mas ela fica sem definição; podemos dizer que Ritinha é mestiça, sua cor não é classificada com firmeza, sendo que a obra possibilita essa interpretação: uma miscigenação para reforçar que temos um Brasil de misturas.

Outra característica forte que define o negro é o cabelo; a autora usa uma estratégia de descrever as meninas fisicamente; sem o cabelo esse efeito faz com que o leitor fique imaginando que tipo de cabelo cada menina tem, usando a criatividade, observando as características físicas e tentando montar o estilo de cabelo que se encaixa para cada menina. A



diferença física e de estilo das meninas é apontada pela autora, cada uma tem sua peculiaridade, mas o ponto que une essas garotas é o cabelo.

Ritinha, Tatá e Bia são muito diferentinhas, né? Mas uma coisa elas têm igual: o cabelo. Eu deixei pra falar do cabelo das três por último porque o cabelo delas, gente, é muito igual, bem parecido mesmo: é assim bem bem bem enroladinho, cheio de molinhas tão pequeninhas que de longe a gente nem vê. Mas cada cabelo é arrumado de um jeito (PINTO, 2012, p.11)

O cabelo crespo é um forte ícone identitário, é uma das características que definem o homem e a mulher negra, as meninas têm a mesma textura de cabelo, as diferenças estão na cor e no modo como cada menina o arruma; a autora descreve minuciosamente como é cada cabelo.

É interessante como a menina observa o racismo “O problema tá dentro da cabeça”; esse trecho só reforça que o preconceito está enraizado na mente das pessoas, o discurso do negro percorre pelo mundo todo por anos, e isso se fortalece pela premissa de superioridade de raça diante da sociedade. O racismo e as desigualdades sociais caminham juntos, mostrando que a dominação do povo negro partiu de questões financeiras e das ambições dos Europeus, que fizeram com que a busca por mão de obra barata resultasse em escravidão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação da figura negra na sociedade ainda é vista de maneira secundária, trazendo um grande incômodo para aqueles que lutam contra a desigualdade racial. Mesmo sabendo que estamos caminhando rumo a uma tentativa de extinção do racismo e de todas as suas manifestações de preconceitos, estamos longe de acabar com o racismo, pois estamos enfrentando uma sociedade que não reconhece como belas suas características físicas.

Ainda temos muito o que aprender; precisaríamos de uma construção da história do Brasil que envolvesse os negros, de maneira que não os colocasse como raça inferior e, sim, como mais uma etnia existente na constituição do país. Sendo assim, poderíamos cobrar daqueles que não conhecem sua cultura e suas características, mostrando o valor e a contribuição da cultura negra para a formação da raça brasileira.



REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. **Literatura Negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p.17-31, ago. 2009. Disponível em: <<http://www.ich.pucminas.br/cespuc/scripta.htm>>. Acesso em: 25 set. 2015.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Ação Educativa, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p.01-12, jun. 2012. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-simbolos-da-identidade-negra.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2015.

_____. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo**: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? Scielo, Belo Horizonte, v. 2002, n. 21, p.40-51, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03>>. Acesso em: 15 out. 2015.

JESUS, Lori Hack de; CASTRO, Edmara da Costa. **Construção social da ideia de raça**. 2. ed. Cuiabá: Ufmt, 2010. 39 p.

LIMA, Carina Bertozzi de. **Literatura Negra - uma outra história**. Terra Roxa e Outras Terras: Revista do Estudos Literários, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2009, p.67-77, dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/index.php?option=com_content&task=view&id=11&Itemid=27>. Acesso em: 16 set. 2015.

MULLER, Maria Lucia Rodrigues. **Pensamento social brasileiro e a construção do racismo**. 2. ed. Cuiabá: Ufmt, 2010.

PINTO, Neuza Baptista. **Cabelo Ruim?: A história de três meninas aprendendo a se aceitar**. 4. ed. Cuiabá: Tanta Tinta, 2012. 40 p.